

Fernanda Candeias emociona-se ao lembrar da mãe de uma criança que se aproximou e perguntou: "Posso te dar um abraço?" Em seguida, apertou-a com força e disse baixinho: "Obrigada." Outras mães e seus filhos, além de médicos, têm o que agradecer à criadora das Bonecas de Propósito. Elas chegam às mãos de crianças que enfrentam tratamentos de saúde dolorosos e demorados. São feitas de 24 a 30 bonecas por mês, em quatro modelos, doadas a instituições. Para o Inca vão as do câncer. São carecas e têm um saquinho onde estão uma peruca e um chapéu. A Fundação do Rim recebe as que têm um fecho nas costas, onde está encaixado um rim bordado. O Pro Criança Cardíaca ganha bonecas com uma abertura frontal onde fica o coração bordado. A novidade é a boneca encomendada pela ONG Smile Train, que beneficia crianças de baixa renda com lábio leporino ou fissura palatal. "Fizemos dez, que eles enviaram para quatro hospitais parceiros. Estamos esperando para ver se tem que fazer alguma adaptação", diz Fernanda, de 62 anos, museóloga aposentada, que, nos anos 1970, trabalhou como cenógrafa e figurinista em peças e filmes. Já há um pedido para que faça uma boneca para quem espera um transplante de fígado ou já recebeu o órgão novo. "E estou pesquisando para fazer uma com síndrome de Down", diz ela, que participa ainda do Coro Cantareiros, que se apresenta em hospitais, asilos e abrigos, e da ONG Make-a-Wish, que realiza os desejos de crianças e adolescentes doentes. O Bonecas de Propósito deu um salto em 2016 com a chegada do administrador Cristiano Goldenberg, que largou o mercado corporativo e se dedica a projetos sociais. Ele se tornou sócio de Fernanda. Quem quiser ajudar pode escrever para bonecasdepropósito@gmail.com.

• Como surgiu o projeto?

Em 2014, vi na TV uma menina de seus 12 anos diagnosticada com seis tumores na cabeça. Apesar do problema, ela era alegre, cantava para a repórter, mostrava sua coleção de lenços e chapéus. Mas a mãe dizia que ela chorava pela falta do cabelo. Pensei: "E se ela pudesse 'brincar' com essa dor? Talvez ajudasse a enfrentar as dificuldades." Criei então uma boneca com peruca, para mostrar que estava careca, e chapéu, para explicar que essa condição era temporária. A ideia era que a boneca tivesse um propósito. Até abril de 2016 fiz sozinha, em casa. Depois que minha filha sugeriu criar uma página no Facebook, vieram os voluntários. Hoje são 30 no Rio. Eu e Cristiano riscamos os moldes e os enviamos para uma costureira vo-

luntária, Nevinha Pereira, que tem um ateliê na Maré. Lá, ela costura todos os moldes, que vão para nossos dois núcleos de capacitação, no Itanhanga e na Gávea, onde os voluntários aprendem o ofício e montam as bonecas. Já fizemos quase 400. Terça e quarta-feira abriremos dois núcleos em São Paulo. As bonecas serão doadas para o Instituto de Tratamento do Câncer Infantil.

• Qual o papel das bonecas?

Não são só brinquedos, são ferramentas terapêuticas. Essas crianças com doenças graves, muitas correndo risco de vida, têm medos, inseguranças, raivas, frustrações. Muitas vezes não sabem ou não conseguem traduzir esses sentimentos. Por meio das bonecas, a equipe médica consegue chegar a essa dor. Para isso é importante que os pacientes se identifiquem com a boneca. Temos toda a diversidade brasileira. Elas não são super-heróis ou princesas, não usam fantasias. Vestem



MAURO VENTURA

mventura@oglobo.com.br

Dois cafés e a conta com...

Fernanda Candeias

Criadora das Bonecas de Propósito conta como o projeto social beneficia crianças que enfrentam tratamentos de saúde dolorosos



MAURO VENTURA

roupas de criança. Apesar de serem "enfermas", têm aspecto saudável. São coloridas, felizes, levam mensagem de otimismo. São artesanais. A criança sabe que não tem outra boneca igual à dela, assim como ela é única. A ideia é que esses amigos de pano estejam presentes em todos os momentos, em especial nos mais difíceis: nas UTIs, nos pós-operatórios, na hora da quimioterapia e da hemodiálise. Isso ajuda a humanizar um pouco o tratamento, a melhorar o humor, a autoestima, o bem-estar emocional e psicológico.

• De que forma isso acontece?

A criança se conforta com uma boneca que tem a mesma enfermidade que ela. Rafael, de 11 anos, que já fez três cirurgias no coração, batizou seu boneco de Rafael Júnior e disse: "Estou muito feliz, ele se parece comigo, me dá uma sensação de segurança e de igualdade." Outro menino pegou o boneco, abriu a camisa dele, tirou o rim bordado, segurou-o e disse: "Olha, o meu rim novo!" As meninas com câncer resistem muito a raspar o cabelo quando ele começa a cair. Mas uma pré-adolescente que começou a fazer quimioterapia falou à psicóloga: "Tia, quero raspar minha cabeça logo, para ficar igual à minha boneca." A psicóloga me escreveu: "Andavam as duas, serelepes, pelo Inca, sem lenço e sem chapéu, carecas." Criamos agora campanhas de adoção no Facebook, no Instagram e no nosso mailing. Avisamos que as bonecas vão ser entregues e quem quiser pode doar uma em seu nome, por R\$ 100. A boneca vai com um pequeno cartaz: "Amiguinho(a), (nome do doador) me mandou para brincar com você!!!"

• Que outros planos você tem para o projeto?

Numa conversa com Daniel Moraes, da ONG Atados, veio a ideia de fazer oficinas de desenhos coordenadas por uma psicóloga. Crianças saudáveis conhecem as bonecas e sua história. Depois, fazem desenhos e escrevem mensagens. Essas cartinhas são entregues pelas bonecas para os pacientes. É o correio das Bonecas de Propósito. Já fizemos três. Uma criança desenhou um sol e vários corações, e escreveu: "Querido amigo, espero que goste do seu boneco, ele é mais um lembrete de que você não está sozinho. Quando sentir dor, aperta ele forte e fecha seus olhinhos. Lembre-se de que amanhã é sempre um novo dia, com esperanças e sonhos! Beijinhos, Laurinha." É um trabalho de educação, inclusão e conscientização. Quero levá-lo para as escolas. As crianças passam a ter um olhar mais sensível para as que estão em tratamento, invisíveis. Mais tarde, vão saber acolher e entender melhor quando encontrarem um menino ou uma menina careca, com cicatriz no peito, problema na fala, dificuldade de andar. •